

**INTERNET E GÊNEROS DIGITAIS:
UM ESTUDO SINCRÔNICO DA LÍNGUA PORTUGUESA**

Matheus Seiji Bazaglia Kuroda (USC)
msbkuroda@gmail.com

RESUMO

Este trabalho tem o objetivo de discutir como a internet e as novas tecnologias acabaram influenciando no aspecto sincrônico da língua portuguesa, gerando novos processos de alterações morfofonêmicas. Para tal, visa-se analisar o idioma como produto de uma manifestação cultural, que se molda de acordo com as demandas do homem e da sua capacidade de comunicação e interação. Assim, observa-se, pela relação entre cultura e língua, a problemática que envolve o ensino e tecnologia, bem como a necessidade, em tempos atuais, da interação entre eles.

Palavras-chave: Internet. Língua. Metaplasmos.

1. Introdução

A língua portuguesa está vivendo um momento singular desde a sua existência, quando ainda era considerada a última flor do Lácio. Há um grande debate a respeito do atual tratamento do idioma, principalmente no seu uso e funcionamento. De um lado, teóricos da gramática associam, de forma equivocada, a linguagem culta como uma totalidade da língua, desconsiderando seu caráter multissistêmico. Em oposição, linguistas atuais consideram que toda manifestação linguística é importante, independentemente do nível de formalidade.

Ao analisar um ambiente cujas tecnologias reafirmam a globalização, os gêneros virtuais ganharam espaço e se difundiram. Em consequência, levantou-se um novo debate a respeito da inserção dos recursos tecnológicos na educação.

Tendo isso em vista, discutiremos, ao longo deste artigo, como a cultura da internet atingiu (e vem atingindo) a língua portuguesa e moldou o comportamento humano. Além disso, levantaremos a questão da inserção das novas tecnologias no processo de ensino e aprendizagem, ressaltando os limites e as possibilidades entre eles, principalmente no ensino da língua portuguesa.

2. A cultura virtual

Na atualidade, as mídias e os meios de comunicação estão fornecendo uma exponencial gama de informações. Essas informações, que se manifestam como formas de textos, acabam provocando um choque de sentidos no interlocutor. Como reflexo de uma sociedade construída sob os ideais capitalistas, a dinamicidade e o fluxo de conhecimento são características marcantes; evidências facilmente encontradas no dia a dia, principalmente quando se analisa, nas ruas, a inúmera quantidade de outdoors com propagandas – muitas vezes carregando uma mensagem subliminar.

Para tal, Pierre Lévy (1996) desenvolve os termos cibercultura e ciberespaço e, posteriormente, aplica esses conceitos à política (ciberdemocracia). O francês acredita em uma mutação cultural provocada pelo avanço das tecnologias. Tendo três pilares essenciais como alicerce dessa “nova cultura” – educação, informação e interação –, a internet passa a ser vista como um espaço autônomo e aberto, de diálogo e reflexão. A *cibercultura* é, nesse contexto, uma grande fonte de conhecimentos. Cabendo, assim, ao seu usuário, a responsabilidade de filtrar essas informações, escolhendo as fontes mais confiáveis, categorizando e criando uma espécie de “biblioteca pessoal”.

Ainda, retomando os aspectos políticos, esse espaço permite a liberdade de voz, pois qualquer pessoa que tem acesso às tecnologias pode expressar seus pensamentos e produções artísticas, criando *blogs*, ou *sites* na *internet*.

Esse novo ponto de vista, que pretende enxergar o mundo de forma holística, representou um marco na história da língua portuguesa, pois se criou um ambiente virtual propício para que surgissem novos fenômenos linguísticos. A internet vem fornecendo diversas informações, sobre tudo e sobre todos. Diariamente, notícias, teses científicas, descobertas, fofocas ou até mesmos acontecimentos mais inusitados são divulgados pelas mídias, em um processo de globalização e redução de espaços.

O homem contemporâneo, de característica autônoma e influenciado pelos signos que recebe como interlocutor de textos, mesmo que de forma passiva, se adapta a esses moldes sociais. Logo, nesse contexto, o uso da língua, como aspecto da comunicação verbal humana, acabou sofrendo alguns fenômenos curiosos.

É o que se observa, por exemplo, na linguagem utilizada na internet. Com um cunho informal e com uma escrita “apressada”, este tipo de variação do idioma sofre preconceito linguístico, sendo vista como uma forma errada de ser falar o português. Há, por outro lado, quem considere o “internetês” como outra língua distanciada da língua portuguesa. Pode-se dizer que essa manifestação linguística é apenas uma variação da norma padrão, que, utilizada dentro de seu contexto, não representa uma abominação ou algo a ser repudiado. A gramática, pois, é e não é uma totalidade da língua.

Uma receita de bolo não é um bolo, o molde de um vestido não é um vestido, um mapa-múndi não é o mundo ... Também a gramática não é a língua. A língua é um enorme iceberg flutuando no mar do tempo, e a gramática normativa é a tentativa de descrever apenas uma parcela da norma culta (BAGNO, 1999, p. 9).

A linguagem utilizada na internet é muito frequente em sites de relacionamentos, entre os quais vale citar o *Orkut* e o *Facebook*, além dos programas de comunicação instantânea e vídeos como o *Messenger*, o *Skype* e o extinto *ICQ* – bem como as mensagens enviadas pelos celulares. Porém, é um senso comum atribuir o início do “internetês” aos *chats* de bate-papo, nas quais os jovens, do final da década de 90, utilizavam para conhecer outras pessoas de lugares distantes, estabelecendo um vínculo virtual.

Nesta perspectiva, afirma Soares (1997) que,

O maior instrumento da globalização cultural na sociedade tem sido certamente o conjunto das redes de comunicação de massa. A abrangência, extensão e eficácia dessas redes estão na raiz das maiores transformações na virada do século.

A globalização é proveniente da grande expansão das tecnologias modernas, entre outros motivos.

3. Uma nova variante da língua

Como já foi dito, adequado em um ambiente voltado às novas tecnologias, surgiu um novo tipo de comunicação social: a variante virtual ou “internetês”. Em outras palavras, ela se apresentou como uma variante da língua (baseada na fala) que atendesse às demandas propostas por esse novo tipo de comportamento humano, na qual o homem passa a ser muito mais dinâmico e interativo em suas atividades. A língua nada mais é do que uma fonte de interação e comunicação.

Foi sendo percebidas, desde então, uma série de fenômenos linguísticos que se estendem aos estudos do léxico e da terminologia. A variação terminológica nada mais é do que uma resposta às demandas sociais. Assim, em situações de uso, o léxico da língua acabou sofrendo modificações significativas: usa-se uma linguagem mais acessível e isenta de regalias ou formalismos.

Neste sentido, o desenvolvimento e a utilização da Internet acabaram produzindo, entre seus usuários, uma linguagem própria, repleta de termos típicos, ou seja, todo usuário, de uma maneira ou de outra, acaba compreendendo o conjunto da rede e os termos que determinam seu conteúdo e funcionamento. As expressões, no campo da lexicologia e da terminologia, ultrapassam o contexto cibernético e representam um fator concreto da globalização (GALLI, 2010).

Surge, então, uma variante da língua portuguesa que se efetiva na globalização, representando como um padrão linguístico unificado pelos falantes que utilizam a *internet*. Em um processo de interferências, a evolução dos processos comunicativos depende do avanço tecnológico – é evidente a mutação que a língua vem sofrendo, principalmente se for analisar a progressão exponencial do campo científico.

Inserido em um ciberespaço, o homem cria uma série de recursos linguísticos para suprir suas necessidades de fala e interação. A globalização permitiu que se desenvolvesse uma linguagem universal, fazendo que as informações regionais circulassem pelo mundo. Ainda, mediante a tal contextualização, o campo lexical da língua portuguesa vem sofrendo grande expansão. A *internet*, da mesma forma que disponibiliza informações prontas, tem contribuído, de forma contraditória, para o aspecto criativo e produtivo de seus usuários; o que também afeta a língua na sua estilização.

A dinâmica do comportamento humano, ditada pelo ritmo frenético das mudanças tecno-científicas, tem atingido diretamente as ações linguísticas e, conseqüentemente, vem produzindo criações lexicais e terminológicas inéditas. A informática é uma das áreas de inovação tecnológica que mais tem contribuído para o surgimento de neologismos (MARCUSCHI & XAVIER, 2004, p. 8).

A criação de neologismo é um exemplo nítido da influência do mundo global no jogo quiasmático entre cultura e língua. Na medida em que há um intercâmbio entre costumes e práticas culturais diferentes (principalmente na *internet*), aumentam as possibilidades de empréstimos linguísticos ou da criação de novos vocábulos. Ainda, pela agilidade no processo de comunicação, é comum algumas palavras sofrerem processo

de composição.

Porém, a maior problemática que remete ao uso do “internetês” se deve à escrita. A língua sempre está em processo de mutação, mas, em tempos atuais, ela vem apresentando novos fenômenos que têm instigado os estudiosos da área: a atividade humana sempre acompanha o modo como o homem encara a linguagem. Logo, a tendência atual é enaltecer a oralidade sob as normas da escrita.

Da mesma forma que há uma linearidade na produção oral representada por um *continuum*, na qual os vocábulos formais se adequam em vocábulos fonológicos, as palavras sofrem processos de composição, unindo-as da mesma forma que se unem os sons.

Na fala, a produção e a recepção acontecem de forma instantânea e consequencial – mas não estática e maniqueísta¹⁸. Por esse motivo, a linguagem da internet visa uma escrita voltada às normas da produção oral, justamente por ela ter as mesmas características – ao conversarmos, as mensagens são recebidas de imediato; enquanto um texto escrito ou formal, pode ser caracterizado como temporal –, não lido de forma consequencial, mas sim programada pelo leitor.

Além disso, a escrita da *internet* prega a concisão, que, para deixar a interação mais rápida e dinâmica, utiliza-se uma linguagem abreviada, sendo que algumas palavras sofrem quedas de letras ou até mesmo de sílabas. É uma tendência atual que afeta a língua no seu aspecto sincrônico, o que causa novos processos de metaplasmos.

Coutinho (1974, p. 13) conceitua metaplasmos como modificações fonéticas sofridas pelas palavras por meio de sua evolução histórica. “Essas transformações não se deram por acaso, não foram produzidas pela moda ou capricho, mas obedeceram a tendências naturais, a hábitos fonéticos e espontâneos”. Os fonemas constituem o material sonoro da língua. Este material está sujeito à lei das transformações fonéticas. Essas mudanças são motivadas pela permuta, troca, acréscimo ou supressão de fonemas, bem como a transposição da posição do fonema ou do acento tônico. “É que cada geração altera inconscientemente, segundo as suas tendências, as palavras da língua, alterações essas que se tornam perfei-

¹⁸ Charaudeau (2008), em “Discurso e Leitura: modos de organização”, diz que existem dois momentos na atividade discursiva: Produção e Recepção, nos quais os sujeitos necessitam desenvolver competência linguístico-situacional.

tamente sensíveis, só depois de decorrido muito tempo” (COUTINHO, 1974, p. 143).

Em uma conversa de *chat* ou mensagens instantâneas, por exemplos, são dispensáveis os formalismos e a escrita normativa. Preza-se apenas o significado, independente do seu significante. Logo, as palavras são escritas de forma que remetam à oralidade.

Exemplo 1:

Vc tah aí? (Você está aí?) – Nessa expressão, em “tah”, ocorre a redução vocábular, ocasionada pela aférese da primeira sílaba. Além disso, há o acréscimo do “h” em substituição do acento agudo.

Exemplo 2:

Eu to bm. (Eu estou bem) – Ocorre uma redução do verbo “estou”, pela aférese da primeira sílaba, concomitante com uma monotongação na sílaba final (ou > o). Ainda, em “bm”, ocorre a síncope da vogal “e”.

Assim, vale analisar os metaplasmos que, nos estudos sincrônicos, ocorrem neste tipo de uso da língua.

- Tudo > td – Síncope da vogal /u/; apócope da vogal /o/.
- Você > vc – Síncope da vogal /o/; apócope da vogal /e/.
- Hoje > hj – Síncope da vogal /o/; apócope da vogal /e/.
- Cadê > kd – Síncope da vogal /a/; apócope da vogal /e/.

É comum, nessas escritas, a queda de todas as vogais, o que torna os vocábulos mais próximos da oralidade. Em alguns casos, as letras são trocadas, por assimilação, de acordo com os sons que produzem: cadê > kd, porque pronuncia-se /ka'de/, no qual o fonema /k/ é representado pelo grafema “c”.

Monteiro (2002, p. 193) diz que essas palavras se assemelham com siglas. As siglas são signos acrossêmicos, isto é, quando a sequência de fonemas não se organiza em padrões silábicos próprios da articulação das palavras portuguesas, não se tem um vocábulo autônomo. Por outro lado, a escrita abreviada, se com caráter de ideograma, não constitui processo de formação de vocábulos, pois “numa acrografia, a letra não vale pelo fonema que costuma representar, mas como símbolo da palavra que evoca”. Assim, de acordo com Laucas (2004 *apud* MONTEIRO, 2002) os exemplos das palavras acima apresentam um misto de acrossemia e acrografia.

A ampliação vocabular também é muito frequente. É o que acontece, por exemplo, no acréscimo da letra “m” no final de ditongos nasais: Não > naum – acréscimo da grafia “m”, como ressonância nasal, seguido da metafonia o > u.

Tendo a oralidade como base dessas mudanças morfofonêmicas, vale citar alguns casos curiosos e bem recorrentes da linguagem utilizada na internet:

- **Aférese:**

Amor > mor – aférese da vogal /a/.

Imagina > magina – aférese da vogal /i/.

Esse tipo de metaplasmos se explica pelo fonema ser uma vogal inicial pretônica desapoiada, por causa da força expiratória que se dá à consoante seguinte, uma tendência que ocorre na língua desde a sua evolução do latim.

3.1. Síncope:

Bem > bm – queda da vogal “e”.

Falei > flei – queda da vogal “a”.

Casa > ksa – queda da vogal “a”.

De modo geral, as vogais estão mais propícias à quedas.

3.2. Apócope:

Comer > come – apócope da consoante /r/

Andar > anda – apócope da consoante /r/

Nesses casos acima, existe a supressão do fonema final “r”, que morfologicamente indica o verbo no seu estado infinitivo. Em seu uso, na *internet*, existem ocorrências de jovens que eliminam essa desinência do vocábulo; muitas vezes dizemos /ko'me/ em vez de /ko'mer/. O que define a classificação do verbo é, então, a posição da sílaba tônica.

3.3. Metafonia:

Menino > minino – e > i = metafonia.

Bonita > bunita – o > u = metafonia.

Resolvendo > resolvendu – o > u = metafonia.

3.4. Monotongação:

Pouco > poco – ou > o = monotongação.

Chorou > choro (/ʃo'ro/) – ou > o = monotongação.

3.5. Ditongação:

Dente > deinte – e > ei = ditongação.

Gente > geinte – e > ei = ditongação.

3.6. Assimilação:

Quieto > keto – qu > k = assimilação

Cadê > kd – ca > k = assimilação.

O assimilador não se encontra na grafia, mas sim na fala: o fonema /k/.

4. *Língua e Internet: reflexões sobre o ensino da língua*

As leis do ensino e os seus regimentos sempre estiveram organizados de acordo com as exigências sociais. Com o avanço desenfreado das tecnologias e com o desenvolvimento das mídias, surgiu uma sociedade dinâmica, que vem expandindo os níveis de conhecimento e estabelecendo novas dimensões. Para tal, criou-se um ambiente virtual atraído por uma cibercultura, fazendo com que as pessoas entrassem em contato como esse novo mundo globalizado, repleto de informações, e interagindo com ele. Nessa ambientação, é discutido um novo tratamento para o uso da língua.

Segundo Pierre Lévy¹⁹, com a evolução da humanidade, a necessidade da interação entre *cibercultura* e educação passou a ser de extrema importância. Nos dias de hoje, as instituições de ensino, com a acessibilidade às ferramentas da informática, provocam uma interatividade global e, conseqüentemente, uma inteligência coletiva necessária. Os seres humanos vivenciam uma era demarcada pelo dinamismo, na qual as mudanças atuais contribuem para o desenvolvimento do sistema cognitivo dos estudantes.

Durante muito tempo, a educação brasileira esteve inerte às mudanças sociais, oferecendo um ensino autoritário e sem significado ao aluno. Tal tendência permaneceu na ativa durante muitos anos, fazendo com que essa cultura se enraizasse no comportamento dos cidadãos brasileiros. As linguagens que se contextualizavam fora da norma padrão da língua acabavam sendo vistas como um modo errado de se falar o português.

Esse tipo de pensamento esteve à frente de toda metodologia de ensino de língua portuguesa. O objetivo da educação – que utilizava gramáticas tradicionais como recurso de apoio – era formar pessoas conhecedoras da norma padrão, desconsiderando o uso das linguagens e seus coloquialismos. Mas, com as novas ideias, discute-se a dinamização do ensino, de caráter mais liberal e construtivista, voltado a suprir as demandas e aos ansiosos da sociedade.

Mesmo com todos os avanços nítidos, ainda existem estudiosos conservadores que repudiam a linguagem utilizada pelos internautas. Alguns linguistas, jornalistas, políticos ou até mesmo alguns professores da área de língua portuguesa acreditam que o “internetês” funciona como uma espécie de corrupção à norma culta; alega-se, pois, segundo os mesmos, que os alunos chegam à escola infectados por inúmeros vícios, entre os quais estão as gírias e abreviações.

Por outro lado, teóricos atuais e linguistas que prezam a língua, não somente no seu aspecto normativo, acreditam que toda manifestação linguística é fundamental, pois ela representa uma parte significativa da cultura de uma comunidade falante. Afinal, a língua viva é a língua usada no dia a dia. Para os mesmos, é capital que o aluno saiba a normativa,

¹⁹ Palestra proferida por Pierre Lévy no III Simpósio Internacional de Linguagens Educativas: “Educação, Mídia e Cultura”, em Bauri, em nove de março de 2010.

mas também é necessário que ele saiba que existem outras variantes que não a padrão.

De certa forma, esse debate coloca em conflito duas perspectivas: uma caracterizada pelo seu caráter tradicional; outra que se coloca como renovadora, a ponto de ocasionar uma subversão do ensino da língua. Em outras palavras, existe uma dualidade manifestada pela cisão entre passado e presente, representada respectivamente pelos estudos gramaticais ou pela teoria da variação linguística.

5. *Considerações finais*

São visíveis as mudanças que esse novo ambiente vem provocando no formato da cultura, principalmente na língua. Como já foi explicada, a grafia ou a forma de escrita das palavras vem sofrendo mutações significativas. Existe uma tendência com a preocupação do significado, independente do significante. Em outras palavras, o homem atual se preocupa apenas em construir enunciados entendíveis – independe da forma com que as palavras são escritas, o importante é que a mensagem chegue até o seu receptor.

Observe-se que ortografia designa sistema normativo que gerencia o processo da grafia da língua no uso padrão com vistas a neutralizar os fatos fonomórficos decorrentes da variação linguística e garantir uma compreensão ampla dos textos verbais escritos no mundo lusófono, como é o nosso caso. Logo, escritas emergenciais, apressadas, secretas, cifradas, etc. são possibilidades que sempre existiram e existirão na grafiação das línguas. Contudo, os equívocos sociais, culturais e educacionais vêm pressionando a inserção dessas escritas nas classes de língua portuguesa, sob a alegação de que já é uma realidade irreversível e que a escola não pode ignorá-la (SIMÕES, 2008).

Língua e *internet* nada mais são do que duas das principais manifestações culturais que o homem utiliza em seu cotidiano. É uma junção entre o que a sociedade foi (em termos de Língua) em relação àquilo que ela passou a ser, definindo a situação real da organização do mundo e da existência humana.

Antigamente utilizava-se de regras como metodologia de ensino. Mas com o desenvolvimento tecnológico, foi possível criar um conceito novo de interação; ideia essa que abrangeu dois campos que, ao longo de suas existências, andaram de lados opostos, a educação e a *internet*. São visíveis as significativas mudanças educacionais e culturais decorrentes dos últimos tempos, pois alunos e professores passaram a ter uma vasta

concentração de informações quase que instantâneas.

O aluno pode usar a linguagem da internet tanto que esteja adequada àquele contexto, mas, em sala de aula, é necessário que saiba usar a língua padrão. Ou seja, um sujeito de competência linguística não é somente aquele que domina a normativa, mas sim que saiba utilizar a língua (e suas variantes) de acordo com a situação ou nível de formalidade que determinado contexto exige.

Se inserido no ambiente virtual, é correto dizer “vc tah bm”. Mas, se estou entre as quatro paredes de uma sala de aula, ou se estou com um lápis sobre um papel, é fundamental que eu escreva: “Você está bem”. Por outro lado, mesmo na escola, em situações informais, eu posso escrever de outras maneiras que não a padrão. Independente da forma de escrita ou da fala, o importante é que eu saiba a norma culta. Afinal, manter uma linguagem culta em determinadas situações também é falta de competência linguística, o que gera um estranhamento.

O universo está passando por grandes revoluções e, nesse conjunto, a internet não deve ser vista como algo imóvel (somente de dados). O mundo está no início de uma nova grande mudança cultural, baseado na busca e no intercâmbio do saber. A interatividade entre a tecnologia e a educação deve existir, pois possibilita o desenvolvimento das capacidades intelectuais do ser humano e aperfeiçoa as funções cognitivas (raciocínio, memória, interpretação etc.).

É necessário, então, que o professor, consciente do seu papel de formador de opiniões, seja crítico o suficiente para aceitar toda bagagem que o aluno carrega. É preciso saber lidar com os mais variados tipos de linguagem, seja ela culta ou não, normativa ou virtual. Ou seja, o linguajar dos internautas não deve ser visto como uma variante digna de repreensão; necessita-se reavaliar a verdadeira função da educação nacional.

Toda manifestação linguística é importante e fonte de estudos. A língua sempre está em movimento; ignorar as suas tendências significa rejeitar a costumes de seu povo, pois ela é nada mais do que um produto cultural (criado pelo homem), que se renova de tempos em tempos, de acordo com as nossas demandas sociais ou interacionais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAGNO, Marcos. *Preconceito linguístico: o que é, como se faz*. 21. ed.

São Paulo: Loyola, 1999.

COUTINHO, I. L. *Pontos de gramática histórica*. 6. ed. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1974.

GALLI, Fernanda Correa Silveira. Linguagem da Internet: um meio de comunicação global. In: MARCUSCHI, L. A.; XAVIER, A. C. dos S. *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de sentido*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004, p. 147-164.

LAUCAS, Giannina. *A interação e a construção da linguagem em rede: uma análise das ocorrências morfossintáticas do português no "chat"*. UERJ, 2004.

LÈVY, P. *As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática*. Trad. Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

MARCUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antônio Carlos. *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de sentido*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

MONTEIRO, José Lemos. *Morfologia portuguesa*. 4. ed. Campinas: Pontes, 2002.

SIMÕES, Darcilia. A filologia e o ensino da língua nacional em tempos de internet. In: *Múltiplas perspectivas em linguística*. Uberlândia: EDUFU, 2008, p. 884-888. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/ileel/artigos/artigo_231.pdf>.

SOARES, D. A Globalização numa perspectiva sociocibernética. *Revista Contracampo*, nº 1. Mestrado da UFF, jul/dez/1997. Disponível em: <<http://www.uff.br/mestcii/cc2.htm>>.